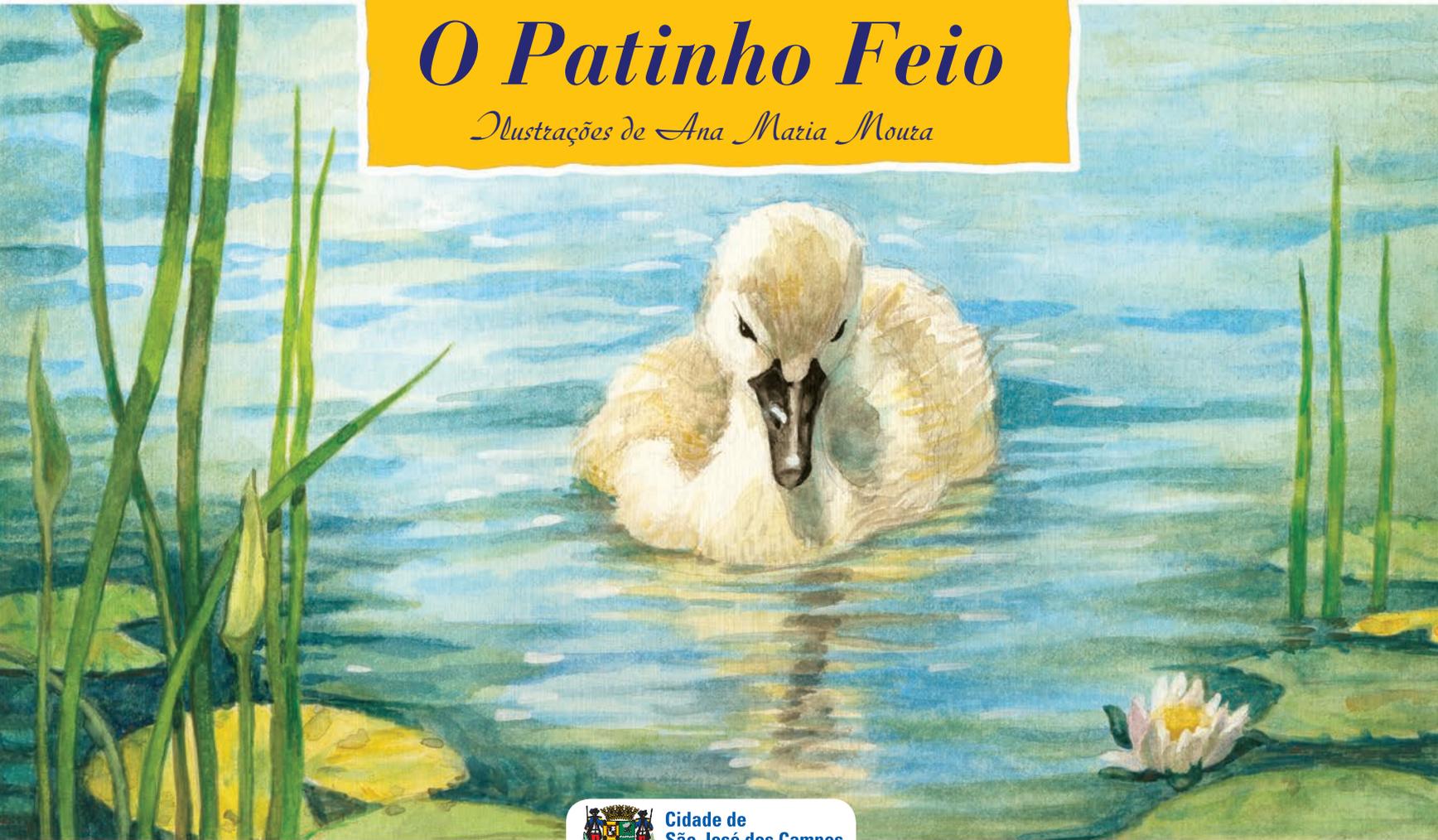


*Hans Christian Andersen*  
***O Patinho Feio***

*Ilustrações de Ana Maria Moura*



**Cidade de  
São José dos Campos**  
Prefeitura Municipal



*Hans Christian Andersen*

# *O Patinho Feio*

*Ilustrações de Ana Maria Moura*





**E**stava um adorável dia de verão no campo! O trigo dourado, a aveia verde e os montes de feno amontoados na campina formavam uma paisagem belíssima. A cegonha andava por ali com suas compridas pernas vermelhas, enquanto tagarelava naquela velha língua egípcia que havia aprendido com sua mãe. Os campos de milho e as campinas estavam cercados por amplas florestas, no meio das quais havia fundas poças de água. Era, de fato, prazeroso passear pelo campo.

Em uma área ensolarada erguia-se uma antiga casa de fazenda, próxima a um rio fundo. Desde o muro até a beira da água cresciam grandes folhas de trepadeira que formavam uma abóbada tão alta, que dentro dela uma criança pequena poderia ficar em pé. Mas, por dentro, os ramos estavam tão emaranhados, que o lugar mais se assemelhava ao interior de um bosque.

Em meio àquele matagal, uma pata, sentada

em seu ninho, esperava seus ovos chocarem. Já começava a ficar cansada dessa tarefa, pois os patinhos estavam levando um tempo maior do que ela previra para quebrar a casca. E, para piorar, raramente recebia visitas. Os outros patos preferiam nadar no rio a subir a encosta escorregadia, sentar debaixo daquele emaranhado de trepadeiras e fofocar com ela.

Finalmente uma casca quebrou, e depois outra e, de cada ovo, surgia uma criaturinha que levantava a cabeça e chorava:

- Piu, piu.

- Quac, quac - disse a mãe.

E todos eles repetiram como puderam:

- Quac, quac - E olharam em torno, atentamente, para cada canto da ampla proteção verde.

Sua mãe deixou que eles olhassem por quanto tempo quisessem, porque o verde faz bem para os olhos.

- Como o mundo é grande! - disseram os jovens

patinhos, quando perceberam que o lugar onde estavam era muito maior do que o apertado ovo de onde saíram.

- Vocês acham que isto aqui é o mundo todo? - perguntou a mãe aos patinhos. - Esperem até terem visto o jardim; ele vai muito além do campo da igreja, mas eu nunca me arrisquei a ir tão longe. Todos vocês já saíram? - continuou ela, levantando-se. - Não, o maior ovo ainda está inteiro. Fico imaginando quanto tempo ainda irá demorar... Estou um pouco cansada dessa espera - e voltou a sentar-se no ninho.

- Olá, como vocês estão indo? - perguntou uma pata idosa, que foi fazer uma visita.

- Um ovo ainda não abriu - disse a pata-mãe.

- Não irá quebrar - respondeu a outra.

- Mas veja todos os outros, não são os patinhos mais lindos que você já viu? Eles são a cara do pai, que é um insensível. Nunca veio nos ver - reclamou a mamãe pata.

- Deixe-me ver o ovo que não abriu - disse a velha pata. - Eu não tenho dúvida de que é um ovo de peru. Uma vez me convenceram a chocar uma ninhada deles e, depois de todo o meu cuidado e trabalho com os pequenos, eles tiveram medo de água. Eu grasnei e cacarejei, mas não teve jeito. Não consegui convencê-los a se aventurar até o rio. Deixe dar uma olhada nesse ovo. Sim, definitivamente é um ovo de peru. Aceite meu conselho, deixe-o onde está e ensine as outras crianças a nadar.

Acho que vou ficar sentada só mais um pouquinho - disse a mamãe pata. - Já fiquei tanto tempo sentada mesmo, que mais alguns dias não vão ser nada.

- Faça como quiser - encerrou a velha pata e foi-se embora.

Por fim, depois de um tempo, o grande ovo quebrou e o filhote arrastou-se para fora choramingando:



- Piu, piu.

Era muito grande e feio. A pata olhou para ele e exclamou:

- É muito grande e diferente dos outros. Será que não é mesmo um peru? Mas logo iremos descobrir, quando formos para a água. Ele vai entrar, nem que eu mesma tenha que empurrá-lo!

No dia seguinte, o tempo estava excelente. O sol brilhava forte sobre as folhas verdes da trepadeira, o que convenceu a mamãe pato a levar sua ninhada para a água. Logo ela pulava no rio, espirrando água para os lados.

- Quac, quac - disse ela.

E os jovens patinhos, um depois do outro, a seguiram. A água cobriu suas cabeças, mas eles emergiram em um instante e nadaram lindamente, batendo as pernas da melhor maneira possível.

E o patinho feio também nadou com eles.



- Oh - disse a mãe - não é um peru! Como ele usa as pernas, e como fica aprumado enquanto nada! É certamente meu filho e não é tão feio, depois que se repara bem nele – pensou ela.

- Quac, quac! Venham comigo agora, crianças, irei apresentá-los para toda a nossa sociedade e mostrar para vocês o pátio da fazenda. Mas lembrem-se: vocês devem ficar próximos de mim ou podem ser pisados; e, acima de tudo, tenham cuidado com o gato.

Quando chegaram no pátio, havia uma grande confusão. Duas famílias de patos estavam brigando por uma cabeça de peixe, que, no final, acabou sendo levada pelo gato.

- Vejam, crianças, é assim que funciona o mundo - disse a mãe pato, aguçando o bico ao imaginar o quanto devia estar gostosa aquela cabeça de peixe.

- Venham! Agora usem suas pernas e deixem-me vê-los se comportarem bem na nossa comuni-

dade. Vocês devem curvar graciosamente as suas cabeças para aquela velha pata mais adiante. Ela é a mais bem nascida de todos nós, tem sangue espanhol, portanto é muito bem tratada. Vejam! Ela tem uma fita vermelha amarrada na perna. Esta é uma verdadeira honraria para um pato, algo muito distinto. Essa fita mostra que todos estão preocupados em não perdê-la e assim ela pode ser reconhecida por qualquer um, seja homem ou animal. Venham agora. Não juntem seus pés, um patinho bem-nascido coloca seus pés bem separados, como fazem o papai ou a mamãe. A caminho! Muito bem, agora curvem seus pescoços e digam ‘quac’.

Os patinhos fizeram como lhes foi ordenado, mas outra pata que estava no pátio olhou para o grupo e disse:

- Olhem! Lá vem outra ninhada! Como se já não houvesse o bastante de nós! E que coisinha de aparência estranha está entre eles. Que horror,

não o queremos aqui!

Logo um pato voou até o grupo e deu uma bicada no pescoço do patinho.

- Deixe-o em paz! - disse a mãe. - Ele não está fazendo nenhum mal a ninguém.

- É verdade, mas ele é grande e feio - disse o pato maldoso. - E por isso ele precisa ser expulso.

- Os outros são crianças muito lindas - disse a velha pata com a fita amarrada na perna. - Todos, menos um. Eu gostaria que sua mãe pudesse melhorá-lo um pouco.

- Isso é impossível, Sua Graça, retrucou a mãe. - Ele não é bonito, mas tem excelente disposição e nada tão bem ou até melhor que os outros. Eu creio que ele crescerá bonito, ou talvez fique menor. Ele ficou muito tempo no ovo, o que deve ter atrapalhado a sua formação - e então ela acariciou seu pescoço e amaciou suas penas, completando: - Ele é um pato e esse seu jeito não

terá tanta importância. Eu acho que ele crescerá forte e capaz de cuidar de si mesmo.

- Os outros patinhos são graciosos o suficiente - disse a velha pata. - Agora vá com eles para casa e se puder encontrar uma cabeça de peixe, pode trazê-la para mim.

E assim eles fizeram, tranqüilamente.

Mas o pobre patinho que se arrastou para fora da casca por último, e tinha uma aparência tão feia, foi bicado e empurrado no caminho. Fizeram piada dele, não apenas os patos, mas todas as aves.

- Ele é tão grande! - todos diziam.

O peru, que por ter esporas acreditava ser realmente um imperador, ficou inchado como uma vela de barco em alto mar e voou até os patinhos. Quando olhou para o patinho feio, ficou com a cabeça realmente vermelha de raiva. A pobre criaturinha ficou sem saber para onde ir, muito triste por ser tão feio e motivo de risos de toda a



criação da fazenda.

E assim o tempo passou, um dia depois do outro, e as coisas foram ficando piores e piores. O pobre patinho era empurrado por todos; mesmo seus irmãos e irmãs eram desagradáveis com ele, e diziam:

- Ah, sua criatura feia, eu queria que o gato pegasse você!

Sua mãe dizia que preferia que ele nunca tivesse nascido. Os patos o bicavam, as galinhas batiam nele e a garota que alimentava as aves o chutava.

Por fim ele fugiu, assustando os pequenos

pássaros pousados na cerca, quando voou sobre as estacas.

- Eles estão com raiva de mim porque eu sou feio - pensou. E então fechou os olhos e voou ainda mais longe, até que chegou a um grande charco, habitado por patos selvagens. Lá ele permaneceu por toda a noite, sentindo-se muito cansado e muito infeliz.

Pela manhã, quando os patos selvagens levantaram vôo, viram um novo companheiro.

- Que tipo de pato é você? - todos perguntaram, cercado-o.



Foi até eles tão educadamente quanto pôde, mas não respondeu à pergunta feita.

- Você é absurdamente feio! - disseram os patos selvagens. - Mas isso não importa, se você não quiser se casar com alguém de nossa família.

Pobre patinho, ele nunca tinha sequer pensado em casamento. Tudo o que queria era permissão para deitar entre os juncos e beber um pouco de água do brejo.

Depois de ter ficado tranqüilo no pântano por dois dias, dois gansos selvagens, ou melhor, gansinhos, pois haviam saído do ovo há pouco tempo, aproximaram-se dele. Eram muito insolentes.

- Escute, amigo - disseram-lhe - você é tão feio que nós acabamos simpatizando com você. Que tal vir conosco, ou prefere se transformar em uma ave migratória? Não muito longe daqui há outro pântano, no qual estão algumas gansas bem bonitas, todas solteiras. Há uma chance de você conseguir uma esposa. Quem sabe não tem

sorte, feio como é?

- Bang! Bang! - um estampido soou no ar. Os dois jovens gansos selvagens caíram mortos no meio dos juncos, enquanto a água se tingia de sangue.

- Bang! Bang! - este som terrível ecoava por toda a parte e fez o bando de gansos selvagens sair dos juncos e levantar vôo.

O som vinha de todas as direções, pois os caçadores haviam cercado o pântano. Alguns ainda ficaram sentados nas raízes das árvores, observando os juncos. Dos canos das armas ainda fumegantes saía uma fumaça azul que formava nuvens logo acima das árvores escuras.

Enquanto essa névoa mortal flutuava sobre a água, vários cães de caça saltavam por entre os juncos, que se curvavam, com o peso deles, para todos os lados.

Que cena assustadora para o pobre patinho! Ele escondeu a cabeça embaixo da sua asa e, no

mesmo momento, um imenso e terrível cachorro passou perto, quase roçando nele. A bocarra aberta, a língua saindo da boca e os olhos perscrutando todos os lugares ameaçadoramente. O canzarrão parou e farejou bem perto do patinho, mostrando seus dentes afiados e então, sem mais nem menos, - splash, splash - voltou a entrar na água sem nem ter se dado conta da sua presença.

- Ufa! – suspirou o patinho. - Que sorte tenho de ser feio! Nem o cachorro quis me morder.



E deitou quase imóvel, enquanto os tiros zumbiam por todos os lados e as armas disparavam por cima da sua cabeça.

Já havia passado um longo tempo antes de tudo voltar a ficar quieto. Mas, mesmo sem sinal de qualquer movimento, a pobre criaturinha não tinha coragem de se mover. O patinho esperou e esperou, bem quieto, por muitas horas. Só quando ficou bem mais calmo, teve coragem para olhar cuidadosamente em volta e, ao notar que não havia perigo aparente, correu para fora do pântano o

mais rápido possível. Ele voou sobre o campo e a campina, enquanto uma tempestade se formava. Enfraquecido, mal pôde lutar contra ela.

Era quase noite quando ele percebeu ali perto um pequeno chalezinho, bem pobre, que parecia prestes a desabar. Estava em tão más condições que parecia ainda estar em pé apenas porque não tinha decidido para qual lado deveria tombar primeiro.



A tempestade continuava violenta e o patinho, definitivamente, não podia mais seguir adiante. Ele se acomodou ao lado do chalé e notou que a porta estava meio aberta, pois uma das dobradiças tinha se quebrado. Graças a isso, a porta formava uma abertura estreita no topo, mas larga o bastante para que o patinho pudesse entrar no chalé. Foi o que ele fez, bem silencioso, ganhando um abrigo para passar a noite.

Morava nesse chalé uma mulher junto com um grande gato e uma galinha. O gato, a quem a idosa senhora chamava de “meu filho”, era o grande favorito da casa. Ele esticava as costas e ronronava e, de vez em quando, ficava com o pêlo todo eriçado, principalmente quando era acariciado da forma errada. Já a galinha tinha pernas bem curtas, então era chamada de “Lina Pernas Curtas”. Ela punha ótimos ovos e sua senhora a amava como se fosse sua própria filha.

Pela manhã, nosso visitante foi descoberto. O

gato começou a ronronar e a galinha a cacarejar.

- Por que este barulho todo? - perguntou a velha senhora, olhando em torno do quarto. Mas sua visão já não era tão boa, por isso quando ela viu o patinho feio, pensou se tratar de um gordo pato que tinha fugido de casa.

- Mas que presente! - exclamou. - Espero que não seja um macho, pois aí terei alguns ovos de pata. Preciso esperar para ver...

Então deixou o patinho ficar com eles na casa por três semanas, para o que chamou de “um período de teste”. Mas ao longo desse tempo, nada de ovos. Agora o gato era o chefe da casa, enquanto a galinha era a senhora e eles sempre diziam:

- Nós e o resto do mundo - pois eles realmente acreditavam que apenas os dois formavam a metade do mundo, e, como se não bastasse, a melhor delas. O patinho pensou que outros poderiam ter uma opinião diferente e disse isso, mas a galinha não deu ouvidos a essas dúvidas.

- Você pode botar ovos? - ela perguntou.
- Não.
- Então, tenha a bondade de fechar o bico!
- Por acaso pode erguer seu corpo, ou ronronar, ou lançar faíscas com o olhar? - perguntou o gato todo soberbo.
- Não.
- Então, você não tem o direito de expressar

uma opinião, quando sensíveis criaturas como nós estão falando!

Depois disso, o patinho ficou em um canto, sentindo-se muito triste, até que o brilho do sol e o ar fresco entraram no quarto pela porta aberta. Ele começou a sentir um grande desejo de nadar, um desejo tão forte que não conseguiu deixar de comentar com a galinha.



- Que idéia absurda - disse ela. - Você não tem nada para fazer, por isso está pensando bobagens. Se pudesse ronronar ou botar ovos, essa vontade já tinha passado.

- Mas nadar é algo tão delicioso! - disse o patinho.

- É tão refrescante sentir a água sobre sua cabeça enquanto você mergulha até o fundo do rio.

- De fato, delicioso!- ironizou a galinha. - Mas você deve estar louco! Pergunte ao gato! Ele é o animal mais inteligente que eu conheço, pergunte se ele gosta de nadar na água ou de mergulhar nela. Porque eu não vou dar minha opinião! Pergunte à nossa ama, não há outra pessoa no mundo mais inteligente do que ela. Você acha que ela gosta de nadar ou de deixar a água chegar perto da cabeça dela?

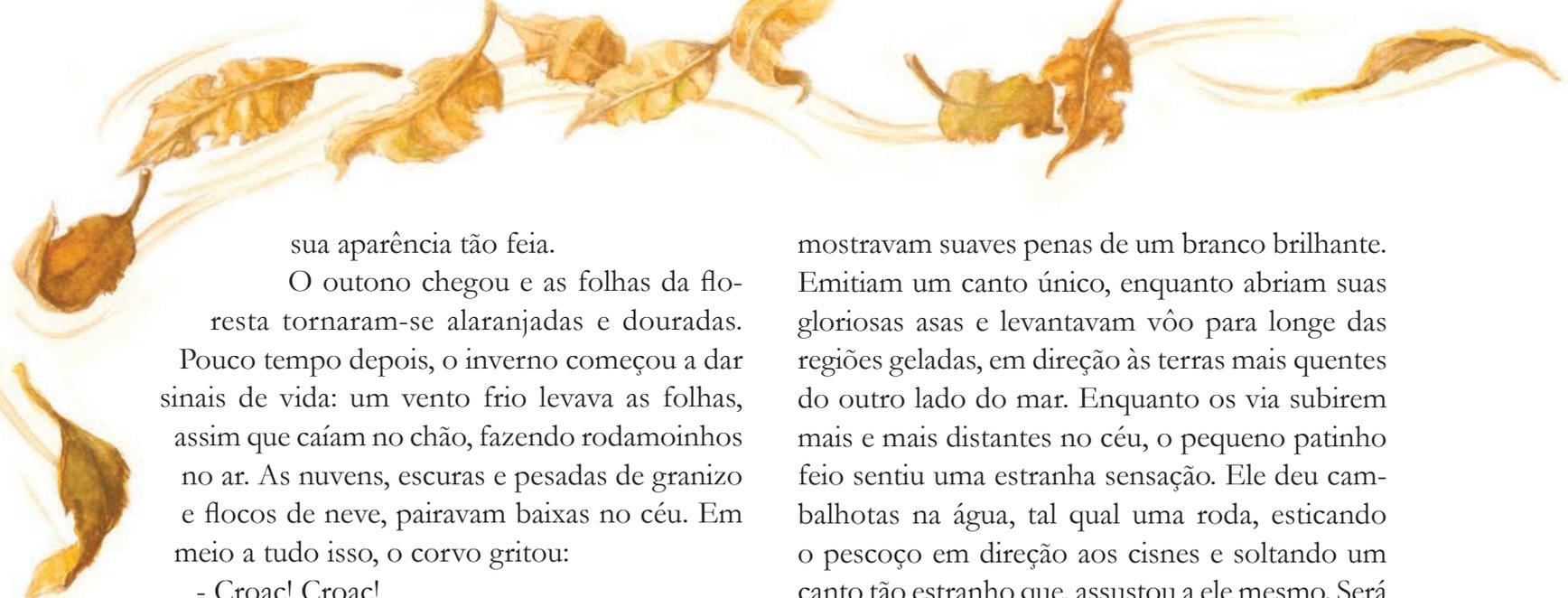
- Vocês não me entendem - disse o patinho.

- Nós não entendemos você?! Pergunto-me se alguém o entende. Você se acha mais esperto que o gato ou a velha senhora? Nem estou falando por mim mesma. Não imagine tal absurdo, meu jovem, e agradeça à sua boa sorte de ter sido recebido aqui. Você não está em um local quente e junto de pessoas com quem pode aprender algo? Mas você é um tagarela e sua companhia não é lá muito agradável. Acredite, eu digo isso apenas para o seu bem. Eu poderia dizer várias verdades desagradáveis, mas esta é uma prova da minha amizade. Aconselho você, por isso, a pôr ovos e aprender a ronronar o mais rápido possível.

- Acredito que seja a hora de eu voltar para o mundo de novo - afirmou o patinho.

- Sim, é melhor mesmo - aprovou a galinha.

Foi quando o patinho deixou o chalé e logo encontrou água onde pôde nadar e mergulhar, mas procurou evitar outros animais, por causa de



sua aparência tão feia.

O outono chegou e as folhas da floresta tornaram-se alaranjadas e douradas.

Pouco tempo depois, o inverno começou a dar sinais de vida: um vento frio levava as folhas, assim que caíam no chão, fazendo rodamoscos no ar. As nuvens, escuras e pesadas de granizo e flocos de neve, pairavam baixas no céu. Em meio a tudo isso, o corvo gritou:

- Croac! Croac!

Dava até arrepios olhar para ele. Tudo nessa cena era muito triste para o pobre patinho.

Uma tarde, logo depois que o sol apareceu brilhando entre as nuvens, um grande grupo de belos pássaros saiu dos arbustos. O patinho nunca tinha visto nada igual antes. Eram cisnes, que curvavam graciosamente seus pescoços, enquanto

mostravam suaves penas de um branco brilhante. Emitiam um canto único, enquanto abriam suas gloriosas asas e levantavam vôo para longe das regiões geladas, em direção às terras mais quentes do outro lado do mar. Enquanto os via subirem mais e mais distantes no céu, o pequeno patinho feio sentiu uma estranha sensação. Ele deu cambalhotas na água, tal qual uma roda, esticando o pescoço em direção aos cisnes e soltando um canto tão estranho que, assustou a ele mesmo. Será que um dia iria ele se esquecer destes pássaros tão lindos, tão felizes?

Quando, por fim, o bando sumiu do alcance de sua vista, o patinho mergulhou sob a água e subiu quase no mesmo lugar, por conta da excitação. Ele não sabia o nome desses pássaros, nem para onde tinham voado, mas se sentia tão próximo a eles

como nunca havia se sentido antes de nenhum outro animal no mundo. Ele não estava com inveja daquelas lindas criaturas, mas queria ser tão adorável quanto elas. Pobre criaturinha feia, quão satisfeita teria vivido, mesmo entre os patos, se estes apenas lhe tivessem dado um pouco de coragem.

Com o passar do tempo, o inverno ficava cada vez mais frio. O patinho foi obrigado a nadar constantemente para não congelar, mas a cada noite a superfície disponível de água livre do gelo ficava menor e menor. Por fim, o rio congelou tanto que o gelo trincava enquanto ele se movia. O patinho tentava remar com suas pernas da melhor maneira possível, tentando manter o espaço aberto. Ficou exausto por fim, deitou e ficou ali, abandonado, congelando rápido.

Logo cedo, pela manhã, um camponês que passava por ali percebeu o que acontecera. Ele quebrou o gelo em pedaços com seu tamanco e

levou o patinho para casa, para a sua esposa. O calor do casebre reanimou a pobre criaturinha.

Mas quando as crianças quiseram brincar com ele, o patinho pensou que queriam machucá-lo. Ficou aterrorizado, voando sobre a leiteira e derramando o leite pela sala. A mulher começou a bater as mãos, o que o assustou ainda mais. De medo, ele primeiro voou dentro do barril de manteiga, depois na tina de louça suja, de onde saiu pingando. Em que estado deplorável ele ficou! A mulher gritou e pegou-o com uma tenaz para não encostar naquela sujeira. As crianças riam e gritavam, caindo uma por cima das outras no esforço de pegá-lo. Mas felizmente o patinho conseguiu escapar pela porta, que, no corre-corre, acabou ficando aberta. No desespero, o patinho feio conseguiu se esconder entre os arbustos e deitar, exausto, na neve recém-caída.

Seria muito triste narrar todas as dificuldades e privações que o pobre patinho sofreu durante



todo o difícil inverno. Mas um dia este foi embora, sem fazer alarde. Eis que, numa manhã, deitado entre os juncos, no brejo, o patinho sentiu o calor do sol brilhando e ouviu a cotovia cantando. Viu que tudo em sua volta estava lindo novamente graças à primavera.

Ao se espreguiçar, o jovem pássaro sentiu que suas asas estavam mais fortes. Batendo-as, resolveu levantar um vôo alto. Ele foi longe, até que se viu num grande jardim, mesmo sem saber como havia conseguido chegar lá. As macieiras estavam cheias de flores e os velhos e perfumados sabugueiros curvavam seus ramos verdes até o regato, que dava a volta em um gramado liso. Tudo parecia lindo no frescor da nova primavera. De um emaranhado de arbustos próximos surgiram três belos cisnes brancos, alisando suas penas e nadando suavemente sobre a água calma. Ao vê-los, o patinho se lembrou dos adoráveis pássaros e sentiu-se, estranhamente, mais infeliz

do que nunca ao vê-los.

- Vou voar até aquelas aves majestosas! - exclamou. - E eles irão me matar, porque eu sou feio e ousei me aproximar deles. Mas não importa! Melhor morto por eles do que bicado pelos patos, surrado pelas galinhas, empurrado pela menina que cuida da criação, ou morrendo de fome durante o inverno.

Então ele voou para a água e nadou para perto dos lindos cisnes. No momento em que olharam para o estranho, eles apressaram-se para encontrá-lo com as asas abertas.

- Matem-me! - disse a pobre ave, curvando a cabeça até a superfície da água e esperando pelo golpe de misericórdia. Mas o que ele viu refletido na água clara? Sua própria imagem, mas não mais a de uma ave escura, cinza, feia e desagradável de ver, mas sim um belo e gracioso cisne.

Agora ele se sentia satisfeito por ter passado por aborrecimentos e dificuldades, porque per-





mitiram que ele aproveitasse muito mais todo o prazer e a felicidade que finalmente estavam ao seu alcance. Os imponentes cisnes nadaram em torno do recém-chegado e acariciaram seu pescoço com os bicos, numa forma de boas-vindas.

Logo algumas crianças correram para o jardim e jogaram pão e bolo dentro da água.

- Olhe – disse a mais nova - há um novo cisne!

Os outros observavam embevecidos; depois correram para seus pais, dançando, batendo palmas e gritando alegremente.

- Outro cisne chegou! Um novo cisne chegou!

Então eles jogaram mais pão e bolo na água e disseram:

- O novo é o mais bonito de todos eles: é tão jovem e belo!

E os velhos cisnes curvaram suas cabeças diante dele.

De repente, ele se sentiu envergonhado e escondeu sua cabeça debaixo da asa. Pois não sabia o que fazer, estava muito feliz, mas nem um pouco orgulhoso. Ele tinha sido perseguido e desprezado por sua feiúra e agora ouvia todos dizerem que era o mais bonito entre todos os pássaros. Mesmo o salgueiro curvou seus ramos até a água diante dele e o sol brilhou quente e forte. Então, alisou suas penas, curvou seu esplendoroso pescoço e gritou alegremente, do fundo de seu coração:

- Eu nunca sonhei com tamanha felicidade, quando era um patinho feio.

**Ficha catalográfica**

*O Patinho Feio*

Conto de Hans Christian Andersen – Ilustrações de Ana Maria Moura

Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 1ª edição, 2008.

ISBN 978-85-61192-06-8

Coordenação do Projeto – Alberto V. Queiroz

Produção Gráfica – Circus Serviços Gráficos Ltda.

Este livro faz parte do Programa Gosto de Ler, de responsabilidade da:

Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos

Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP – 12.220-270

Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP. É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.





**Cidade de  
São José dos Campos**  
Prefeitura Municipal



ISBN: 978-85-61192-06-8